

Quando morre um pensador, algo se dá com o conjunto de frases, orais e escritas, que perfazem a sua obra. Chamarei de espantoso e maravilhoso esse acontecimento e tentarei transmitir neste artigo uma parcela daquêlê espanto e daquela maravilha que me causa a obra de Vicente Ferreira da Silva, transfigurada por sua morte. O que aconteceu com ela, e com que direito afirmo estar ela transfigurada? Os livros e os artigos que Vicente Ferreira da Silva escreveu aparentemente nada mudaram desde o mês de julho. Não se alterou nenhuma vírgula, não se modificou nenhum acento. As frases por êle pronunciadas aparentemente ressoam na memória dos seus parceiros como ressoavam antes da sua morte. Não se alterou na memória nenhuma entonação, não se modificou nenhum gesto. Os seus pensamentos aqui estão, dentro de nós e ao nosso dispor, aparentemente na forma exata na qual por êle foram formulados. No entanto essa aparente indiferença da obra ferreiriana face ao seu criador é enganadora. Fundamentalmente tudo mudou nela. Nenhuma frase, nenhuma vírgula, nenhum gesto escapou à ação misteriosa da morte. A obra ferreiriana em seu conjunto, e cada frase individual, adquiriram um significado novo graças a essa ação misteriosa. Somos, doravante, incapazes de recapturar o significado original, e somos condenados a trabalhar com o significado novo. Como se deu essa modificação e em que consiste?

Permitam que recorra a uma imagem para ilustrar o que tenho em mente. A obra de um pensador jorra do seu intelecto sob alta pressão, impelida rumo à realização pela força concentrada do potencial latente nêsse intelecto. Toda frase, toda palavra vibra com essa pressão, com essa urgência de articular-se, para dar lugar a novas frases e novas palavras famintas de reali.

VILÉM FLUSSER

O PROJETO VICENTE FERREIRA DA SILVA

Diário / 6
Abril 64

dade. Tão famintas e apressadas são as frases, tão vorazes de realidade são as palavras, que se torna imperativa, para um intelecto fecundo, uma extrema economia estilística que não admite desperdício de uma única palavra. O estilo condensado e desidratado, como o é o estilo ferreiriano, é prova da pressão latente que impede cada palavra. Assim se projeta o játo das frases sobre os intelectos que participam da conversação com o pensador, assim êsses intelectos recebem o seu impacto. Podem recebê-lo passivamente para absorvê-lo, ou podem reagir ativamente, transformando-o e reentrando-o transformado, ou podem repeli-lo. Mas, em todo caso, sofrem os intelectos o choque da pressão que o játo de pensamentos sobre êles exerce. Se a fonte dêsse játo continua jorrando, se está vivo o pensador, os intelectos receptores recebem as suas frases como pontas de lança cujo cabo ainda está por realisar-se. Mas se o pensador morreu, recebem as suas frases como obuzes que explodem dentro dos intelectos receptores para continuarem a realisar-se.

Tôda frase de obra de pensador vivo aponta, portanto, em sua busca de perfeição, o intelecto que a gerou, e tôda frase de obra de pensador morto aponta o intelecto que a recebe. E a obra, como um todo, está ligada ao intelecto que a originou como por cordão umbilical, enquanto vivo o seu autor.

A morte corta êsse cordão, e a obra emite pseudopódios em direção dos intelectos abertos a recebê-la. O último significado da obra é deslocado, pela morte, do intelecto do autor para os intelectos dos seus interlocutores.

Desta maneira altera a morte profundamente todo aspecto da obra, dando-lhe uma nova "Gestalt", uma nova dinâmica e nova estrutura.

Uma objeção a esta argumentação pode afirmar ser essa modificação da obra um aspecto puramente subjetivo, e que "objetivamente" a obra não se alterou e ficou intocada pela morte. Mesmo deixando de lado a problemática que tôda consideração da objetividade envolva, não me parece válido o argumento. A obra foi criada pelo autor como articulação em direção de interlocutores e adquire o seu significado somente como parte integrante da conversação geral da qual participa. São portanto os interlocutores ingredientes essenciais da obra, tão integrantes da obra quanto o é o autor, já que são meta e campo de realização da obra. A modificação que a obra sofreu pela morte é portanto, neste sentido, uma modificação "objetiva". A nova "Gestalt" e o nôvo significado da obra, impostos sobre ela pela ação misteriosa da morte, são doravante qualidades inseparáveis da obra. Importam, em resumo, em modificação total da função do interlocutor na obra. De recep-

tor e de ponto de ressonância transforma-se o interlocutor em guardião e realizador da obra. A responsabilidade pela obra passa do autor para o interlocutor, e o destino da obra depende doravante dêle. É devido a êste aspecto da transfiguração da obra pela morte que a chamei de espantosa e maravilhosa. E convido os leitores para uma consideração da obra ferreiriana, tendo êsse espanto e essa maravilha em mente.

Recente urgida do colo materno da morte, ainda tenra e maleável, e estendendo os seus pseudopódios em nossa direção como que em busca de amparo, assim se apresenta a obra ferreiriana. Nós, os provisoriamente pouco numerosos interlocutores da obra, temos o privilégio e a responsabilidade de acolhê-la em nosso íntimo para que continui a realisar-se. Não seremos dignos dêsse privilégio, nem estaremos à altura dessa responsabilidade, se a ternura e plasticidade da obra fossem pretexto para uma inibição de nossa parte em atacá-la. Embora tenra e plástica, dispõe essa obra de força suficiente para resistir a nossos golpes. É debaixo dos golpes que ela se formará e adquirirá aqueles contornos e aquela dimensão, nos quais entrará para a conversação brasileira, e quiçá do Ocidente. E honraremos o pensador mais autenticamente no combate de que em servilidade.

A obra ferreiriana quer ser combatida. É tôda ela um grito de oposição, um brado de guerra. Faz parte daquêle rio subterrâneo de revolta, de negação, de recusa, e de heresia, que acompanha a história do Ocidente. Essa corrente submersa e reprimida torna problemáticos todos os valores do Ocidente e põe tôda a nossa civilização em aspas. É geralmente invisível, mas em momentos dramáticos da nossa história irrompe à superfície para provocar um re-exame das posições e uma re-tomada de contacto do Ocidente com as suas fontes. Faz parte, portanto, essa corrente do majestoso rio do Ocidente, e age poderosamente em prol de sua propagação, justamente ao negá-lo. Nisso reside o seu paradoxo, e a razão do desespero dos intelectos que dela participam. Tudo fazem para destruir aquilo "que aqui está", convencidos de sua perniciosidade, e tudo que fazem contribui para construí-lo.

É graças a êles, é no combate a êles, que o Ocidente se consolida e progride. Sejam gratos a êles, nós que afirmamos o Ocidente, e saibamos apreciar a posição desesperada na qual se colocam para que nós possamos continuar existindo.

A obra ferreiriana é um daqueles momentos de irrupção da negação ao Ocidente. Insurge-se violentamente contra a imposição de valores fundamentais do Ocidente, re-examina êsses valores e afirma a sua ociosidade, ociosidade essa tornada sempre

mais evidente pelo progresso da história do Ocidente. Nega ao Ocidente o direito de impôr suas regras, nega a validade das regras, e nega todo aquele mundo que se realizou e continua realizando-se de acôrdo com essas regras. Parece portanto ser ética a revolta ferreiriana contra o Ocidente, contra aquilo que chamava de "nosso projeto". Mas não creio que a mola mestra do pensamento ferreiriano seja realmente uma preocupação ética, uma preocupação com o bem e o mal poranto. Creio que a fonte da revolta ferreiriana é sua religiosidade estética. (Se assim me posso exprimir) e que a obra ferreiriana se rebela contra a feiura sacrílega do Ocidente. Ao pintar o retrato da nossa civilização, Ferreira da Silva recorre a tintas cinzentas. Feio e cinzento é o presente da nossa sociedade, mais feio e mais cinzento é o seu futuro. Cinzento e feio é o ambiente dentro do qual vegetamos, seres feios e cinzentos que somos, e os nossos prazeres e nossas desventuras têm o gôsto nojento das cinzas. Nessa nossa feiura reside o nosso "crime", e estamos nos precipitando, num processo chamado "progresso", como indivíduos e como sociedade, para o abismo da feiura definitiva. Os tentáculos da feiura que é o presente ocidental se agarram a nós de mil maneiras nojentas, e a obra ferreiriana é a tentativa de libertação dêsse abraço pernicioso. É tôda ela portanto uma busca do sol da beleza na noite sempre mais escura que as sombras do progresso projetam.

Chamei de religiosa essa busca de beleza. Porque no contexto no qual a obra coloca o problema da beleza, esta se torna sinônimo do resplandecer do sacro, da hierofania. O presente ocidental, no qual estamos mergulhados, carece de beleza, porque está afastado da proximidade do sacro. Tôda obra ferreiriana pode ser interpretada como pesquisa das razões dêsse afastamento, com o propósito de rasgar, nessa pesquisa, as nuvens da feiura e abrir uma abertura para o sol resplandescente do sacro. Para compreender dessa pesquisa e essa meta, é preciso considerar o conceito do projeto, conceito central do pensamento ferreiriano.

É claro que Ferreira da Silva busca êsse conceito na especulação filosófica alemã, na qual a palavra "Entwurf" ocupa última, mas não menos importante, posição. Mas a relação entre o pensamento ferreiriano e o alemão é curiosa. Ferreira da Silva conhece os conceitos alemães em seu contexto filosófico, mas falta-lhe a familiaridade com o humus colloquial do qual êstes conceitos brotam. "Entwurf" é a negação de "Wurf", é portanto um "desjeto". É um virar-se contra as origens que nos projetaram. Uma existência em oposição ao destino. Mas a palavra "projeto", embora tradução da palavra "Entwurf", não transmite a idéia de oposição, mas a de continuidade.

Essa discrepância devida à tradução escapa a Ferreira da Silva. Crê portanto que o seu uso do conceito "projeto" o coloca dentro da corrente do pensamento existencial alemão, quando, na realidade, o desloca para uma posição de suma originalidade. Não era por modestia, só portanto, que Ferreira da Silva negava a fôrça original do seu pensamento, mas por malentendido.

Para o pensamento ferreiriano, um pouco como para o pensamento da antiguidade, a história é um projeto que se projeta a partir da proximidade do sacro em direção do profano. É, para falarmos na linguagem das Metamorfoses, uma queda do tempo áureo em direção do tempo das cinzas. Mas, enquanto que os antigos reconheciam um único projeto, o dêles, reconhece Ferreira da Silva uma multipilidade de projetos. A civilização ocidental não passa de um entre muitos modos de profanação do sacro. Devemos imaginar êsse processo de profanação como explicitação progressiva de potencialidades contidas na aparição original do sacro. O resultado dessa explicitação progressiva é um mundo com seus valores. Quanto mais mundo se realiza, tanto mais, se esgota o projeto proposto pela aparição do sacro. Quando tôdas as possibilidades contidas nêsse projeto estiverem explicitadas, quando portanto se terá realizado um mundo perfeito, (no sentido de totalmente feito), teremos alcançado, nêsse dado projeto, uma época final, uma "Endzeit". Essa época se caracterizará pela perfeição, isto é pelo tédio absoluto. Tudo será efetivo, e nada será possível. Nada acontecerá, e o tempo no sentido atual do térmo terá acabado. Isto equivale a dizer que tudo será profano e nada será sagrado. A tese ferreiriana, se aplicada à civilização ocidental, permite o diagnóstico de uma rápida aproximação da "Endzeit", da época de perfeição portanto.

Em que consiste a aparição do sacro que está na origem daquêle projeto chamado civilização ocidental? Na oposição entre sujeito e objeto. A civilização ocidental se distingue de todos os demais projetos por essa dicotomia sujeito: objeto. Na hierofania que fundamenta a nossa civilização o sacro nos aparece como sujeito que se cerca de objeto. É "Deus" que cria "o mundo". A história do Ocidente é uma explicitação das possibilidades contidas no projeto dessa dicotomia sujeito: objeto. Na expressão de Ferreira da Silva é nossa civilização "sujeitiforme". Analisando a hierofania fundamental podemos, com efeito, deduzir, numa espécie de profecia às avessas, tôdas as fases da história do Ocidente, prefiguradas como estão nessa hierofania. Em primeiro lugar podemos deduzir dessa hierofania o tipo de pensamento que regerá o Ocidente. Será o tipo lógico, consistirá de conceitos rigorosos. O sujeito, em sua oposição ao objeto, está para com êste em re-

lação de "trabalho". Deus "criou" o mundo. Em consequência o objeto deve ser manipulável, isto é apreensível, concebível, apalpável. Deve consistir de conceitos. Esses conceitos devem possuir contornos rigorosos, silhuetas nítidas, devem ser definíveis. A ação sujeitiforme do projeto ocidental é portanto uma ação definidora de conceitos. O sujeito se impõe, nessa ação, sobre aquilo que vai ser o seu objeto, recortando-o em conceitos bem definidos e bem adaptados ao seu trabalho. O "mundo" ocidental torna-se, graças a essa ação definidora, um mundo progressivamente concebível e concebido. No fim desse processo definidor teremos um mundo consistente totalmente de conceitos definidos, um mundo rigorosamente organizado, um sistema perfeito de conceitos nítidos e manipuláveis. O sujeito terá se imposto totalmente ao mundo. O mundo será instrumento dócil do sujeito totalmente afastado desse mundo, colocado como estará na situação superior, ("transcendente"), de manipulador do mundo. Um mundo assim totalmente objetivado não terá mais mistério, não terá segredo. Será inteiramente elucidado. E o sujeito a ele oposto será inteiramente alienado dele, já que a ação definidora terá cortado todas as ligações misteriosas que unem o sujeito ao mundo. Terá surgido a época messiânica da total alienação do sujeito, a época da loucura perfeita portanto. Essa loucura sujeitiforme é, de acôrdo com a tese ferreiriana, a meta do pensamento ocidental, imposta sobre ele pelo nosso projeto.

Em segundo lugar podemos deduzir da hierofania fundamental o tipo de valores que regerão o Ocidente. Aquilo, portanto, que Ferreira da Silva chama de "o salvável". A dicotomia sujeito: objeto transfere todos os valores para a região do sujeito, e despreza o objeto como o "manipulável". Surge, automaticamente, uma dualidade "bem contra mal", dualidade essa alheia a outros projetos.

O bem, o salvável, diz respeito ao sujeito, e o mal, "o pecado", diz respeito aos vínculos que ainda prendem o sujeito ao objeto. O caminho do bem é o caminho da purificação, é o desprender-se do sujeito. O bem supremo, o absolutamente salvável é o sujeito puro, desprendido, alienado, é a "alma". Todos os valores do Ocidente dizem respeito, em última análise, à "alma". Prova disso é não somente a ética judaica e cristã, mas também, e talvez mais radicalmente, a ética "humanista", e mais especialmente a marxista. O materialismo marxista é a afirmação do sujeito, da "alma", como antítese da matéria, do mal a ser purificado. É por isto que Marx fala em "Tuecke der Materie" ("perfidia da matéria"), e o marxismo se revela como puritanismo radicalizado.

O conhecimento adquire portanto um sabor ético dentro do projeto do Ocidente. Conhecer, isto é definir o objeto e desvincular o sujeito dele, significa purificar, significa salvar a alma. O caminho rumo à salvação da alma é o caminho do conhecimento. Os outros caminhos pregados pelo cristianismo, como seja "amor" e "obras", não passam de variantes da mesma estrada. A análise destruidora do "amor", e a identificação do "próximo" com "o objeto", constitui uma das partes mais empolgantes da obra ferreiriana, cuja discussão infelizmente ultrapassa o escopo deste trabalho. O valor supremo do Ocidente é o sujeito omnisciente, portanto todo-poderoso, é o Eu agigantado, e totalmente alienado. O Deus do monoteísmo. Essa megalomania ética ocidental é consequência orgânica da loucura do pensamento do Ocidente. Adquire a sua expressão mais clara em Hegel.

Em terceiro lugar podemos deduzir da hierofania fundamental as diferentes fases de sua explicitação, que constituem a história do Ocidente. Temos, no orfismo, a primeira fonte do nosso projeto, já que este se baseia em mitos de purificação e do desvendar violento do "objeto". E temos, no judaísmo bíblico, a segunda fonte, já que este se baseia em mitos de criação e da transcendência do "Eterno". A confluência dessas duas fontes no cristianismo constitui o ponto de partida do projeto ocidental e a sua expressão máxima é a figura do Cristo. Essa figura representa a afirmação radical do sujeito em oposição ao objeto, a afirmação do sacro como o "Verbo". A fase medieval da nossa história é a tentativa de elucidação dessa afirmação mediante a especulação escolástica, isto é mediante a conceitualização especulativa. A esta fase se segue, em progresso sempre mais vertiginoso, e com consistência interna inexorável, as aplicações "práticas" desse trabalho especulativo. No Renascimento o sujeito, numa virada de 180 graus, se precipita sobre o objeto para subjugá-lo. Surge a ciência com sua transformação, primeiro teórica e depois prática, da natureza em conjunto de objetos manipuláveis e manipulados. Surge a matemática "pura" como estrutura da natureza. Surge o humanismo como afirmação do sujeito como fonte dos valores. Surge o capitalismo como sistema "produtor", isto é como sistema de violentação da natureza. E surge o socialismo como método da realização definitiva da sociedade comunista, isto é da subjugação definitiva da natureza, (inclusive da "natureza humana"), e da vitória definitiva do sujeito em forma de sociedade. A relação entre sujeito e objeto, "o trabalho", é primeiro enaltecida nesse processo, já que conduz para a total realização do sujeito, para depois ser superada e ultrapassada, na realização total do sujeito, e relegada às máquinas automatizadas. "O trabalho na fábrica é

consequência necessária da missa" (Ferreira da Silva), para depois ser superado pelo progresso do nosso projeto, ao alcançar a "Endzeit". Esse último estágio será a transformação total da natureza em parque industrial, e da humanidade em sociedade comunista perfeita. Não haverá mais trabalho, já que não somente jorrarão as máquinas automaticamente os seus projetos, mas ainda planejarão infalivelmente a produção e a distribuição daquilo que a sociedade já agora inerte consumirá de acôrdo com esse planejamento automatizado. Nada mais acontecerá, com efeito. A sociedade se resumirá na contemplação daquela perfeição que é o mundo totalmente objetivado. Ter-se-á realizado o céu. As visões dos profetas de Israel, e dos mistáogos órficos, e dos santos cristãos, e de Hegel e Marx, ter-se-ão tornado realidade. Tudo será perfeita bondade, no sentido ocidental do termo, já que tudo será pura contemplação da obra perfeitamente realizada. Será alcançado o sétimo dia, no qual o sujeito descansará, e verá que era bom o que tem feito. Inexoravelmente, e com rapidez impiedosa, estamos nos projetando rumo a esse sétimo dia, ao tédio e ao nojo dessa última, insuportável feiura.

A contemplação antecipada desse último estágio da nossa história não requer fantasia, porque em certas sociedades, por exemplo na União Soviética, já alcançou quase a realidade. O tédio e o nojo, a feiura e a falta do sacro já agora caracterizam essa sociedade. Demonstra ela, de maneira palpável, como funcionará o paraíso. As artes deixarão de desenvolver-se e decairão num "realismo" inautêntico, porque não terão assunto. A discussão entre os intelectos estagnarão, porque nada haverá a ser discutido. A vida perderá todo sabor, porque não haverá aventura, tudo será planejado. O elemento festivo, que caracteriza a proximidade do ser com o sacro, terá sido eliminado. Será melhor morrer de vez, ao vegetar nesse paraíso. Não é portanto existencialmente possível aceitar como inexorável esse paraíso que se aproxima com tamanha velocidade. É preciso reagir, é preciso fazer qualquer coisa. Não é possível cair passivamente nesse abismo medonho. É preciso empenhar-se contra esse projeto, é preciso lutar contra ele, mesmo que seja para "morrer esperando" nessa luta. Porque é melhor morrer agora, enquanto o nosso projeto ainda está um pouco aberto, a viver num projeto totalmente realizado, fechado como jaula. O "engagement" ferreiriano é uma busca desesperada de uma abertura pela qual seja possível sair do projeto e evitar o paraíso.

Esta claustrofobia está portanto, no fundo das pesquisas ferreirianas dos "outros projetos". A sua preocupação com os deuses gregos, ou com as religiões africanas, (Otto e Frobenius), a sua

imersão febril no pensamento romântico alemão com suas fontes soít-disant "germânicas (Fichte, Schelling, Novalis), o seu estudo apaixonado dos existencialistas alemães e seus precursores poéticos com sua tendência anti-ocidentalista (Heidegger, Hoelderlin, Rilke), tudo isto não passa de uma procura desesperada de aberturas. Já que o projeto ocidental não é o único, é possível, talvez, escapar para outro? Aquêlé dos gregos arcáicos, por exemplo, no qual o sujeito não se distanciava do objeto, no qual essa nefasta dicotomia não existia? No qual o homem se confundia festivamente com a natureza, e não pensava em conceitos, mas em símbolos cheios de significado indefinível? No qual o homem e a natureza eram carregados do sacro? No qual a vida era aventurosa e mergulhada naquela beleza que era o mundo e as artes dos gregos antigos? Ou talvez fosse possível escapar para aquela floresta sombria, cheia de mistério e encanto, na qual murmuram as vozes sacras e espantosas, das quais Heidegger e Lawrence nos conchamam? Ou talvez se abra uma possibilidade de fuga em direção daquele mundo das máscaras e das danças selvagens, do entusiasmo e da sacra embriaguês que nos aparece nos candomblés, já que somos, afinal, brasileiros? Ou talvez possamos encontrar, independentes de todos êstes projetos pré-figurados, uma abertura imediata no convívio com a natureza tropical que nos cerca, despiando a nossa roupagem ocidental, e fundindo-nos com o mar e a areia na praia? Talvez possamos forçar-nos para a vivência imediata, cheia e rica e saborosa, esquecidos do conhecimento cinzento que o Ocidente nos proporciona? Tudo, tudo é melhor que a aceitação passiva das grades nas quais o nosso projeto nos encerra com a trivialidade de sua feiura.

Mas a um espírito tão lúcido quanto o é o ferreiriano não escapa e futilidade e o desespêro dessas saídas. Pois se a sua tese do projeto é correta, as nossas próprias mentes por êle foram projetadas e são por êle inexoravelmente formuladas. As notícias que temos dos "outros projetos", temo-las através do nosso, e as nossas tentativas de mergulhar dentro dêles são tentativas de mergulhar em projetos já invadidos pelo nosso. Os gregos arcáicos, por exemplo, são reais para nós somente como parte do nosso projeto, e como "gregos em si" não existem para nós, não estão projetados dentro do nosso projeto. Não é portanto despedaçando o bojo de ou aspirando o incenso do oráculo que Ferreira da Silva pode encontrar-se com êles, mas lendo Otto. Nem é possível para êle mergulhar num mar primordial na praia original, em busca de uma vivência imediata, já que não é possível esquecer o conteúdo iodino da água nem o conteúdo monástico da areia. Enfim, ine-

xoravelmente, como todos nós, está Ferreira da Silva condenado a ser ocidental, a ser cristão, e sabe disto.

A sua revolta contra o Ocidente não se limita, portanto, às tentativas de irrupção por aberturas cuja última inautenticidade reconhece. Assume ela também um aspecto intramural, quer obstar também dentro do próprio projeto o seu curso impiedoso. Em seu desespero quer conservar, pelo menos provisoriamente, e pelo menos localmente, o estágio imperfeito, e portanto parcialmente aberto, do nosso projeto. Quer conservar os restos de beleza que a vida ainda oferece no Ocidente chamado "livre", em contraste com a feiura imensa que prevalece nas sociedades chamadas "populares". E neste seu desejo se precipita para um "engagement" que o conduz a inúmeras dificuldades de ordem intelectual e moral, insuperáveis. Por exemplo, transforma-se, como que por encanto, num "defensor do Ocidente". Entenda-se do Ocidente atual contra o Ocidente do futuro. Outro exemplo: o Ocidente precisa ser, doravante, definido como oposto à Europa oriental e central, justamente portanto àquela região onde, de acordo com o pensamento ferreiriano, mais perfeitamente se realisa o Ocidente, e onde, afinal das contas, surgiu. O último exemplo: os valores do liberalismo precisam ser afirmados em oposição aos valores do socialismo, embora, de acordo com o pensamento ferreiriano, esses valores liberais já contemham, em projeto, os valores socialistas. O "engagement" ferreiriano adquire, nessa sua profunda problemática toda a sua dramaticidade. Porque seria inteiramente incorreto chamar de "inautentico" esse "engagement" somente por ter sido incoerente. Pelo contrário, é autêntico justamente por causa da sua incoerência, porque torna evidente o seu empenho, empenho "quia absurdum".

Mas este "engagement" tem outro efeito, mais profundo, sobre a obra. Cria nela uma ambiguidade quanto à "hierofania" fundamental do Ocidente. Uma ambiguidade que torna vacilante toda a posição ferreiriana. No conceito original ferreiriano devemos admitir que a hierofania ocidental é tão autêntica como qualquer outra. O sacro pode aparecer e resplandecer de muitas formas, e a forma sujeito: objeto é uma delas. O cristianismo é, em outras palavras, uma revelação tão autêntica do divino quanto o é o mito de Prometeu, por exemplo. Mas o ódio e o horror que Ferreira da Silva sente pelos efeitos do Ocidente o conduzem a negar a autenticidade dessa revelação "in toto". Diz ele ser inautêntica uma revelação que afirma o sujeito, porque se trata de uma afirmação apenas aparente. Afirmar o sujeito é negar o objeto, e "ser sujeito" é "não ser objeto". Sendo portanto negativa a revelação ocidental, não é uma revelação autêntica, e o projeto oci-

dental é, todo ele, negativo. Estamos aqui, curiosamente, voltando para Nietzsche e para o "veneno de Judéia" que é o Ocidente. Mas o "engagement" ferreiriano o obriga a uma nova reviravolta. Agora esse veneno precisa ser defendido, precisa ser autenticado "post festum". E o círculo se fecha novamente sobre a hierofania original que nos projetou de si para destruir-nos, e a qual, não obstante, precisamos defender, justamente para não sermos destruídos.

Essa profunda vacilação da posição ferreiriana não me parece ser defeito. Pelo contrário, dá a marca de autenticidade existencial a toda a filosofia ferreiriana. Existem, ao meu ver, dois tipos de filosofia. Um é válido por sua consistência, e desvalidável pela descoberta de falhas. O outro, muito mais empolgante, é válido pelo tonus de sua pesquisa, e desvalidável pela descoberta de insinceridade. A obra ferreiriana é do segundo tipo, e não é desvalidável, já que inteiramente sincera.

É, toda ela, uma procura de posição face ao desenvolvimento pavoroso da nossa civilização em direção ao tédio, e o fato de não ter sido encontrada essa posição prova a sinceridade da procura. O que importa na obra ferreiriana não é o resultado da pesquisa, mas a iluminação original e penetrante à qual submete a cena da atualidade. Sugiro ao leitor que essa iluminação revela aspectos verdadeiros da nossa situação, enquanto que as conclusões que Ferreira da Silva tira desses aspectos são, felizmente, fortuitas e, na minha opinião, faltas. A importância da obra ferreiriana reside na análise à qual submete a nossa situação não nos remédios que recomenda. Como análise representa essa obra a mais importante contribuição do pensamento brasileiro à discussão filosófica, e como programa representa uma documentação da confusão, na qual se encontram justamente os melhores espíritos atualmente. Defenderei essas afirmativas da seguinte maneira:

A primeira impressão que temos, se postos frente ao mundo ferreiriano sem aviso prévio, é a de uma caricatura. Reconhecemos, imediatamente, o nosso mundo, mas com certos traços característicos exagerados, e outros traços, não menos característicos, suprimidos. Antes de analisar quais os traços exagerados e quais os suprimidos, permitam que ofereça uma tentativa de explicação do porque dessa caricatura. A obra ferreiriana surgiu em São Paulo. É difícil imaginar um lugar ao qual a filosofia ferreiriana melhor se adapte. Embora seja ela uma caricatura da cena atual como um todo, é um retrato fiel da cena paulistana. Na planície ondulante e recoberta, originalmente, de vegetação subtropical, separada do mar por serra majestosa, imprimiu, recentemente, a civilização ocidental um amontoado de caixas de cimento armado de feiura

insuperável. Nas fendas entre essas caixas e nos buracos dentro dessas caixas uma multidão informe e desenraizada desenvolve uma atividade febril, acompanhada de ruídos metálicos e cheiros benzólicos, e que tem por finalidade aparente aumentar o número de caixas, de ruídos e de cheiros. Visto do ar o planalto oferece o espectáculo de um tecido cutâneo atacado por câncer, que irrompeu em forma de edifícios que se estenderam, pelo gânglio da Via Anchieta, até a praia, e em forma de sarna, abrindo buracos de um roxo acinzentado na vegetação outrora luxuriante. Nenhum aspecto de beleza mitiga esse cenário, e os modestos esforços da arquitetura, escultura e paisagismo por modificá-lo, conseguem tão somente intensificar-lhe a feiura. Pois é exatamente essa a imagem da civilização ocidental que Ferreira da Silva retrata. Essa imagem não podia ter surgido na Place Blanche, nem no Stephansplatz, nem no Grosvenor Place, mas somente na Praça da Sé podia ter surgido. Não obstante aplica-se, como caricatura, também a Paris, a Viena e a Londres. Aceitem ou não os leitores minha tentativa de explicação, creio ser ela válida como qualquer outra, talvez mais profunda que a minha.

Pois o que a obra ferreiriana exagera é a feiura da nossa civilização, e está singularmente insensível à sua beleza. Nota impiedosamente, a trivialidade e a falta de festividade dos nossos afazeres diários, o tom cinzento que invadiu tôdas as nossas atividades. Nota o absurdo tedioso do levantar-se, do tomar o café e o ônibus, do trabalho na fábrica e no escritório, da fila de cinema, da conversa fiada interminável, nota o planejamento das festividades e a organização oficial ou jornalística dos entusiasmos, nota a regulamentação dos gostos e dos ideais pela propaganda comercial ou política, e identifica tudo isto com a nossa realidade. Mas não nota, (por não poder ou não querer?) o florescimento festivo de côres nas paredes da Bienal, nem a aventura espiritual na nova literatura e no novo teatro, nem nota, (e isso é estupendo), a própria beleza que se desfralda no pensamento ferreiriano. Como pode um espírito tão faminto de beleza e tão criador de beleza estar tão cego? Creio que a razão reside nos antolhos que se impôs voluntariamente e por infelicidade sua. Porque a beleza que a civilização ocidental cria é uma beleza intelectual, a festividade do Ocidente é um festejar do intelecto, e a aventura do Ocidente é o avanço do intelecto. Ferreira da Silva sabe disso, ou não teria postulado o sujeito como centro do projeto do Ocidente. Mas a sua cosmovisão o conduz para o anti-intelectualismo. Impellido pelo ódio da feiura hodierna renega Ferreira da Silva todo o ocidente e se vê forçado, nessa negação, ao abandono do intelecto com tôda a sua beleza, festividade e

aventura. Esse abandono é trágico, porque, em intelectual como Ferreira da Silva, importa num abandono de si mesmo. Assim, por fidelidade à sua visão do mundo, abandona Ferreira da Silva a si mesmo. Procura, doravante, nos gregos antigos, na praia, ou na luta política, aquela beleza e aquela aventura que estão dentro dêle, mas que a sua sinceridade lhe proíbe. Ora, essa tragédia íntima do pensador constitui para nós, os seus interlocutores, fonte de riqueza. O anti-intelectualismo ferreiriano ressalta, para nós, de maneira marcante, os excessos do intelectualismo e do racionalismo que caracterizam a atualidade. E nos compele para uma reavaliação do intelecto. Daquilo que se salvará dessa reavaliação depende a nossa existência continuada de seres pensantes que somos.

A interpretação ferreiriana do Ocidente como explicitação da hierofania sujeito: objeto é de uma fertilidade extraordinária e sugestiva. Permite uma compreensão de fenômenos aparentemente díspares como sejam a tecnologia e a salvação da alma, ou o socialismo e o processo de definição de conceitos. Nessa interpretação adquire a história do Ocidente uma "Gestalt" e um significado que sentimos ser mais fundamental que uma interpretação marxista ou spengleriana. Mais fundamental, por estar mais próxima do sacro. Mas devemos refutar a sugestão de ser inautêntica a hierofania que nos serve de base. O fato de "ser sujeito" implicar "não ser objeto" não é sinal de inautenticidade.

O pensamento ocidental, explicitação da hierofania sujeito: objeto é negativo. Mas todo pensamento é negativo. Pensar significa negar. Portanto é autêntico o nosso projeto, justamente por ser negativo. E sendo autêntico o nosso projeto, e sendo autêntica e hierofania que lhe serve de base, é o nosso projeto inexaurível. As potencialidades contidas no cristianismo, e no judaísmo e orfismo que lhe antecederam, são inesgotáveis. Nem a tecnologia, nem a ciência, nem o comunismo lhe esgotam as possibilidades, mas exploram, cada um por si e em seu conjunto, apenas umas poucas das inúmeras possibilidades. Se a tecnologia por exemplo se esgotar, isto não representará o fim do nosso mundo. O nosso projeto ultrapassará a tecnologia e avançará rumo a outras realizações de suas potencialidades. A pobreza da tecnologia, da ciência e do comunismo tão profundamente sentida por FS, reside justamente nessa sua limitação à realização de umas poucas possibilidades contidas no projeto do cristianismo.

Mas embora seja notável o esgotamento da nossa civilização pela tecnologia pela ciência e pelo comunismo, é ele inteiramente possível. Nisso tem totalmente razão o pensamento ferreiriano, e o seu enorme valor reside justamente na maneira dramática

como evoca esse perigo. Não representam portanto um mal em si essas três tendências mestras da atualidade, mas representam um perigo mortal para a nossa civilização, se desacompanhadas de tendências novas e vivificantes. É totalmente verdade que, todas em si, cada uma dessas três tendências representa um fechamento definitivo do nosso projeto, no sentido de nada mais poder acontecer, e tudo congelar-se. Mas aliadas a tendências novas, representarão talvez essas três tendências antigas e quase esgotadas excelentes vigas de suporte para desenvolvimentos novos. Por ora são inimagináveis essas tendências novas, mas podemos pressentir-lhes o campo. Serão tendências novas do intelecto. A essas tendências novas, se surgirem, servirá a tecnologia, a ciência e a sociedade organizada, (que não será necessariamente "comunista", e nisto Ferreira da Silva se engana), como suportes totalmente esvaziados de interesse, por já realizados. O desejo ferreiriano serve, paradoxalmente, de um dos pontos de partida para a procura dessas tendências novas. E o anti-intelectualismo ferreiriano serve para o encontro de um intelectualismo novo a superar o antigo.

É possível que tudo isto que acabo de dizer aconteça. É possível que superemos, graças a pensadores como Ferreira da Silva, a crise na qual a nossa civilização se debate. Mas é também inteiramente possível que o nosso projeto se aproxime de seu fim, na forma da era messiânica ferreiriana, ou na sua forma mais palpável de cinzas rádio-ativas. Neste segundo caso Ferreira da Silva nos ensina, "malgré lui", o que terá sido perdido. Com o pensamento ocidental se perderá todo um tipo de pensamento, a saber, o pensamento subjetivo. Esse pensamento resultou, é verdade, na feiura e, (porque não dizê-lo?) na maldade das cidades-monstro das vidas esmagadas por trivialidades, e de barbáries e guerras talvez sem paralelo. Mas resultou também, e isto não é menos verdade, naquele enorme tezouro sempre crescente de beleza e sabedoria que representa a nossa tradição cultural e, por isto, o nosso "engagement" para o futuro. Não importa que o lado feio e mau da nossa civilização supere ou não o lado bom e belo. Somos em todo caso obrigados a empenhar-nos em prol de sua continuidade. Ferreira da Silva explica porque: porque assim fomos projetados. A nossa recusa desse empenho não representa livre escolha nossa, mas seria uma queda na inautenticidade. Essa impossibilidade de uma escolha contra o nosso projeto, e a nossa liberdade somente dentro das possibilidades do nosso projeto, este me parece ser o ensinamento mais importante da obra ferreiriana. Este ensinamento não é formulado expressamente, e formalmente até pode contradizer o teor da obra. Mas é o en-

sinamento que apreendemos da "Gestalt" total da obra, como ela foi moldada pela ação misteriosa da morte.

No curso deste trabalho ataquei, segundo a minha melhor compreensão, capacidade e convicção, a obra ferreiriana. Ataquei, com efeito, aquela parte do meu intelecto que é Ferreira da Silva. Porque o pensamento de Ferreira da Silva, na parte na qual o compreendi, é agora o meu pensamento. Como é parte do pensamento de todos os seus interlocutores. No ataque que lhe movo, e que lhe moverão os outros, esse pensamento se formará e representará a imortalidade daquele fenômeno chamado Ferreira da Silva. Espero, portanto, que este trabalho se incorpore, embora modestamente, à conversação como contribuição para a realização da obra ferreiriana. Não sei de outra forma como expressar a minha gratidão pela indizível aventura intelectual que me proporcionou e que continua proporcionando.